

Literatura, teatro, rádio comunitária, audiovisual e cinema documentário nas histórias de vida de trabalhadoras e trabalhadores rurais sem terra do MST: (re)criação cotidiana de práticas discursivas comunicacionais e culturais

SANTOS, Andrea Paula dos

Mestre em História Social, Doutora em História Econômica, Dep. de História e

Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, UEPG/PR, andreapaula@hotmail.com

Painel sobre o Tema: “Fluxos de imigração: resistências e rupturas na comunicação popular/massivo”

Resumo

Nosso objetivo neste artigo é apresentar alguns resultados e análises parciais de uma pesquisa desenvolvida sobre as práticas discursivas de trabalhadoras e trabalhadores rurais sem terra do Movimento Sem Terra (MST), especialmente as articulações entre formas de comunicação e expressões culturais e seus papéis na recriação de novos sentidos para suas histórias de vida e para as lutas sociais e políticas no contexto da globalização. Queremos ressaltar a existência contínua da construção de farta documentação histórica e da afirmação de novas identidades individuais e coletivas.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que a análise das práticas discursivas em torno da literatura política, do Teatro do Oprimido e da criação radiofônica e audiovisual e da apropriação do cinema documentário nas histórias de vida de trabalhadoras e trabalhadores rurais sem terra do MST podem proporcionar intensa reflexão acerca como tais práticas discursivas recriam novas relações comunicacionais, identitárias e de poder no cotidiano do movimento social e de sua luta pela reforma agrária do ponto de vista de pessoas comuns.

Palavras-chave: MST, trabalhadores rurais sem terra, literatura, teatro, rádio, audiovisual, cinema documentário, práticas discursivas, folkcomunicação

Introdução

Nosso objetivo neste artigo é apresentar alguns resultados e análises parciais de uma pesquisa desenvolvida sobre as práticas discursivas de trabalhadoras e trabalhadores rurais sem terra do Movimento Sem Terra (MST), especialmente as articulações entre formas de comunicação e expressões culturais e seus papéis na recriação de novos sentidos para suas histórias de vida e para as lutas sociais e políticas no contexto da globalização. Queremos ressaltar a existência contínua da construção de farta documentação histórica e da afirmação de novas identidades individuais e coletivas.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que a análise das práticas discursivas em torno da literatura política, do Teatro do Oprimido e da criação radiofônica e audiovisual e da apropriação do cinema documentário nas histórias de vida de trabalhadoras e trabalhadores rurais sem terra do MST podem proporcionar intensa reflexão acerca como tais práticas discursivas recriam novas relações comunicacionais, identitárias e de poder no cotidiano do movimento social e de sua luta pela reforma agrária do ponto de vista de pessoas comuns. Isto porque, como Foucault, acreditamos que:

“As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm.” (FOUCAULT, 1997).

Essas reflexões, por sua vez, levam a considerar que as práticas discursivas têm favorecido políticas em torno das questões comunicacionais, culturais e identitárias – desenvolvidas pelo movimento social de forma independente ou em parceria com outras instituições – no sentido de garantir aos trabalhadores rurais sem terra o reconhecimento e a construção de suas identidades como um dos principais fatores que se mostram necessários para retirá-los de um patamar de invisibilidade e de exclusão para inseri-los numa vida digna por meio da resistência política organizada.

Dessa forma, em nossa pesquisa, as práticas comunicacionais e culturais aparecem simultaneamente como práticas discursivas e como documentação histórica inédita sobre grupos tradicionalmente marginalizados e excluídos da História. E, conseqüentemente, também como armas discursivas nos embates pela reforma agrária, contra as conseqüências da globalização neoliberal e pela (re)criação de memórias de resistências históricas individuais e coletivas.

Por isso, a compreensão de alguns dos usos da literatura, do teatro, do rádio e do audiovisual na produção de documentos históricos relacionados às experiências de grupos excluídos, marginalizados e de trabalhadores é o que destacamos aqui como perspectiva teórica e metodológica ao tratar do contexto referente ao desenvolvimento desta pesquisa sobre trabalhadoras e trabalhadores rurais do MST. Dessa forma, este estudo também partiu de nosso interesse por investigar alguns pressupostos, resultados e possíveis impactos na sociedade desse tipo de produção comunicacional e cultural como

documentos históricos, bem como suas possíveis relações com as produções da área de História e de Ciências Sociais, entre outras diversas áreas de conhecimento.

A perspectiva da folkcomunicação – cuja existência, desde a década de 1960, por meio dos estudos pioneiros de Luiz Beltrão (BELTRÃO, 1980, 2004; MARQUES DE MELO, 2003) – atualmente se configura como um campo de ação e reflexão interdisciplinar onde se elaboram, em larga escala, as análises sobre as formas e as experiências comunicacionais e culturais de grupos antes desconhecidos ou marginalizados da História. Esse esforço de estudo e de produção documental, também favorece a construção das memórias e das identidades desses grupos, sem dúvida, e se propõe à denúncia de graves problemas sociais e a busca de alternativas e a criação e manutenção de novas políticas públicas para a transformação das realidades vivenciadas por esses sujeitos históricos.

Segundo Manuel Castells:

“O que a tecnologia tem de maravilhoso é que as pessoas acabam fazendo com ela algo diferente daquilo para que foram originalmente criadas. (...) Nossas mentes não são mundos solitários, isolados; estão ligadas a seu ambiente social, de modo que processamos sinais, e buscamos significado, de acordo com o que percebemos através da experiência da vida cotidiana”. (CASTELLS, 2003, p.160; 167)

Assim, tanto alguns estudiosos quanto alguns membros do movimento social, praticam nesses processos de resistência comunicacional uma combinação de diversos formatos de apresentação de informações, com textos, imagens, sons, vídeos em sistemas únicos, mas também inter-relacionais, ou seja, em multimídia. Esse conceito, que normalmente é associado apenas às formas múltiplas de comunicação popularizadas pela informática, nesta nossa pesquisa está revestido de outro sentido possível. Um sentido que compreende que as técnicas e as formas de comunicar e vivenciar as experiências humanas são cada vez mais multimidiáticas, não porque se utilizam da informática com mais frequência, mas sim porque combinam na prática social, cultural, econômica e política diária, diversas técnicas, formas e meios de comunicação em rede e nas mais diferentes ações cotidianas, sejam educacionais formais e informais, organizativas ou de mobilização (CASTELLS, 1999a e 1999b; LÉVY, 1993; KELLNER, 2001).

O MST e algumas de suas práticas discursivas comunicacionais e culturais

O MST surge no final da década de 1970, no contexto de lutas políticas e ascensão dos movimentos sindicais e sociais que favoreceram o processo de redemocratização da sociedade brasileira no final da ditadura militar. Suas origens estão ligadas aos trabalhos desenvolvidos pelas Pastorais das Igrejas Católicas, sobretudo à Comissão Pastoral da Terra (CPT), bem como às ações das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), pautadas pela Teologia da Libertação, que primava por um catolicismo mais próximo ao povo, em defesa dos pobres. Foi em 1984 que alguns movimentos camponeses locais, apoiados pela Igreja Católica, se reuniram no Paraná e fundaram o MST, cuja trajetória histórica já abrange mais de duas décadas.

O processo de crescimento e consolidação do MST ocorreu especialmente ao longo da década de 1990, quando ganhou maior visibilidade na sociedade brasileira em virtude de sua liderança na oposição ao governo de Fernando Henrique Cardoso e aos drásticos efeitos dos processos de globalização neoliberal no Brasil e no mundo. E algumas das ações políticas mais marcantes desse movimento social, reconhecido internacionalmente como o maior da América Latina e um dos maiores do mundo, foram as Marchas por Reforma Agrária e Justiça realizadas desde 1997, além de seus congressos nacionais, todas manifestações que contaram com milhares de trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra de quase todos os estados brasileiros.

Esses eventos, numa perspectiva antropológica, são considerados como rituais repletos dessas características criativas e comunicativas (CHAVES, 2000; PEIRANO, 2003) nas quais simples entrevistas como as que realizamos, gravadas em fitas cassete, surgiram paralelas a outras gravadas em vídeo, pelos militantes do movimento social, por produtores independentes ou por grandes noticiários de TV. Às palavras ditas que evocavam ações ordinárias e extraordinárias para interlocutores plurais, somaram-se milhares de audiovisuais e fotografias produzidas por amadores e profissionais, bem como por pesquisadores de diversas áreas, inclusive em estudos culturais.¹

¹ Sobre os estudos culturais, na obra *Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura*, o conceito é definido da seguinte forma: “Os estudos culturais têm focalizado as interações entre as relações sociais e os sentidos – ou, mais precisamente, a maneira como as divisões sociais tornam-se significativas. Em termos gerais, a cultura é vista como a esfera a qual classe, gênero (sexual), raça e outras desigualdades são naturalizadas e representadas de maneira a romper (o máximo possível) a ligação entre essas formas e as desigualdades econômicas e políticas. De modo inverso, a cultura é também o meio pelo qual vários

Desde 1997, trabalhamos com o registro de histórias de vida de pessoas ligadas ao MST, acompanhando várias atividades desse movimento social, que incluem tanto marchas, congressos, encontros locais, regionais e nacionais, quanto atividades culturais, educacionais, artísticas e de elaboração de políticas públicas. Nessa trajetória de pesquisa pudemos constatar que muitos daqueles que participam do MST articularam suas narrativas de histórias de vida com referência às práticas comunicacionais, culturais e artísticas individuais e coletivas que referenciam e subsidiam suas interpretações do mundo e suas ações de resistência local e global no movimento social.

Algumas dessas práticas envolvem a leitura de uma literatura política; um fazer teatral ligado às experiências do Centro do Teatro do Oprimido; e um fazer de uma produção radiofônica ou audiovisual conjugada a uma discussão de algumas obras do cinema documentário relacionados à história do Brasil e contemporânea; dos movimentos sociais e das lutas dos trabalhadores e trabalhadoras em geral.

Inspirados nas reflexões de Mikhail Bakhtin quanto à percepção das várias vozes existentes nas narrativas, a polifonia que estas carregam, percebemos a riqueza dessas práticas discursivas na construção de memórias, identidades e subjetividades dos sem terra (BAKHTIN, 1997). Memórias, identidades e subjetividades que se confrontam com profundos processos de transformação da sociedade, em destaque a modernização e a globalização acelerada, e a conseqüente dissolução das identidades mais tradicionais, além da emergência de novas identidades a partir de novos usos e interpretações da história local e nacional que, no caso específico da América Latina, envolvem complexas mediações e hibridizações (SEVCENKO, 2001; CANCLINI, 2000 e 2003; MARTIN-BARBERO, 2003).

Também em nossas análises, baseamo-nos nas reflexões de Michel Foucault sobre a noção de subjetividade, ao produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano, dividida em certas práticas objetivadoras, subjetivadoras e discursivas. Como esse filósofo e historiador, consideramos que entre os domínios do

grupos subordinados vivem e resistem à sua subordinação. A cultura é, portanto, o terreno em que se luta para estabelecer a hegemonia e, por isso, o espaço de ‘disputas culturais’.” (O’SULLIVAN et al., 2001, p. 100). Peter Burke, em *O que é história cultural?*, explica de que forma o trabalho do historiador contribui para os estudos culturais: “O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações.” (BURKE, 2005, p. 10). Foi a partir dessas idéias sobre disputas culturais, construções simbólicas e suas interpretações nesse contexto histórico multimidiático do imediato e do tempo presente que buscamos compreender o relato das mulheres entrevistadas para essa pesquisa.

saber, do poder e da ética, estabelecem-se relações do sujeito sobre as coisas, sobre a ação dos outros e sobre si, possibilitando questionar como nos constituímos enquanto sujeitos de nossos saberes, que exercem ou sofrem relações de poder, nos conformando em sujeitos morais de nossa ação, sobretudo na ação discursiva pela qual se luta (FOULCAULT, 2004).

E nos perguntamos: como esses sujeitos ligados ao MST podem dizer algo como uma verdade de si por meio de suas práticas discursivas comunicacionais e culturais? Como eles adquiriram a necessidade de dizê-la e quais os tipos de racionalidades que atravessam esses processos?

E como, a partir das reflexões de Giorgio Agamben sobre a noção de experiência de Walter Benjamin, podemos debater o papel atribuído aos narradores, aos comunicadores, aos artistas quanto à não destruição da experiência (AGAMBEN, 2005; BENJAMIN, 1985)? Nesse sentido, buscamos compreender como as práticas discursivas inserem a literatura, o teatro, o rádio, o audiovisual e/ou cinema, nos possíveis sentidos e significados das memórias, das identidades e das subjetividades em permanente (des)construção no cotidiano da História.

Em nosso trabalho de campo que destaca as práticas de colaboração, intervenção e mediação que desenvolvemos com o movimento social, vivenciamos a importância que possuem as práticas de leitura de uma literatura política, de um fazer teatral e de uma produção e discussão em torno do rádio, do audiovisual e do cinema na construção cotidiana das identidades e subjetividades individuais e coletivas. Podemos afirmar que muito do sucesso, do crescimento e da consolidação do MST deve-se ao destaque e à prioridade dadas a essas práticas no dia-a-dia de assentados e acampados por todo o Brasil.

Neste breve artigo, queremos apenas delinear algumas linhas gerais que conformam essas práticas, pois temos clareza de que um espaço muito maior é necessário para tentar dar visibilidade às mesmas, com vistas a favorecer uma melhor compreensão de como se estruturam e se desenrolam na vida de crianças, mulheres e homens sem terra.

De início, é preciso dizer que o MST organiza e materializa essas práticas através da organização de vários setores existentes nos acampamentos e assentamentos, nas regiões e nos estados em que eles se encontram, até abranger uma

representatividade nacional e compor articulações de resistência antiglobalização internacionais. Alguns desses setores são os de Educação, Cultura, Formação e Comunicação, que conta com a participação livre das pessoas que neles quiserem ingressar.

Práticas discursivas em torno da literatura política

Desde o surgimento do MST, as práticas de leitura de uma literatura caracterizada como política atravessam as atividades de todos esses setores, a ponto do movimento apoiar e patrocinar a existência de uma editora, a Expressão Popular. Essa editora conta com a participação de militantes do MST, publica livros ligados a uma tradição crítica e literária de esquerda e os vende a preços muito populares, quando não são distribuídos gratuitamente aos membros do movimento em atividades políticas, culturais e educacionais.

A maioria dos livros lidos pelos militantes é composta por textos clássicos do socialismo, como Marx, Lênin, Rosa Luxemburgo, Trotsky, Alexandra Kolontai, Che Guevara. Há também uma linha de livros acadêmicos, relacionados às questões das lutas dos trabalhadores e da reforma agrária. Porém, além desses livros majoritariamente presentes nas atividades de formação, muitos livros de caráter testemunhal e outros ainda definidos como de literatura estão presentes no cotidiano das práticas de leitura dos sem terra.

Alguns desses livros são clássicos da literatura universal, tais como *A mãe*, de Máximo Gorki, considerado pelos editores como “um retrato dramático e fascinante da luta revolucionária vista a partir da ótica familiar” e nas narrativas de muitos sem terra como um marco, uma referência ímpar no entendimento da própria trajetória de luta pela terra. Outro clássico da literatura soviética inspirado no realismo socialista, *Assim foi temperado o aço*, de Nikolai Ostrovski, é tido pelos editores como “um exemplo do empenho da literatura em auxiliar o Estado revolucionário a educar seus jovens”, denotando com clareza o maior papel que é atribuído às práticas de leitura no movimento social.

Sem dúvida, outros livros também são lidos, de Jack London a autores desconhecidos, com destaque às obras literárias que possuem como pano de fundo as

temáticas das revoluções cubana e guatemalteca ou da luta anti-nazista.² Autores brasileiros que sempre denunciaram a miséria brasileira também encontram seus leitores. Todavia, nenhum tipo de literatura é mais prezado do que a poética, especialmente as poesias de Bertold Brecht, além daquelas escritas pelos próprios militantes do movimento, alguns dos quais com bastante destaque, como Ademar Bogo.

Práticas discursivas em torno do teatro

O fazer teatral também está no cotidiano do MST. A princípio ele ocorria de forma espontânea e esporádica, mas passou a ter centralidade nas atividades políticas, educacionais e culturais. Formou-se, desde 2000, uma parceria com o Centro de Teatro do Oprimido (CTO-Rio), coordenado por Augusto Boal, por meio do incentivo e da formação de grupos teatrais com acampados e assentados, organizados em torno do chamado Teatro Fórum, que consiste na construção de espetáculos baseados em fatos reais nos quais personagens oprimidos e opressores entram em conflito na defesa de seus desejos e interesses. Quando o oprimido fracassa, o público é convidado a entrar em cena pelo chamado Curinga – um “facilitador” do Teatro do Oprimido – substituindo o Protagonista oprimido, para trazer alternativas ao problema apresentado na encenação.

Dessa forma, o espectador pode deixar de sê-lo, improvisando como protagonista, o que remete ao questionamento do próprio posicionamento passivo na vida, assim como na arte teatral.³ Alguns dos grupos mais conhecidos são a Brigada Patativa do Assaré (2001) – que recentemente apresentou uma peça no histórico Teatro de Arena, em São Paulo – e a Brigada Estadual de Teatro do Paraná Gralha Azul (2005), compostas em grande parte por jovens acampados e assentados que se apresentam em atividades, manifestações e áreas da reforma agrária em todo o Brasil, inclusive com o apoio do Ministério da Cultura.

Práticas discursivas em torno do rádio

² Para um panorama dos livros editados pela Editora Expressão Popular, vide www.expressaopopular.com.br.

³ Para maiores informações sobre o Centro do Teatro do Oprimido – CTO-Rio, vide www.ctorio.org.br.

Podemos citar a existência de inúmeras rádios comunitárias nos acampamentos e assentamentos do MST, o que tem causado profundo impacto na comunicação local em geral monopolizada nos municípios por pequenos grupos políticos de elite que representam a oligarquia fundiária. Evidentemente, esses grupos manipulam as informações de acordo com seus interesses, inviabilizando algum caráter democrático e dialógico que os meios de comunicação possam vir a exercer nas sociedades locais.

Segundo os trabalhadores rurais sem terra, antes das rádios comunitárias, predominavam as informações de interesse desses pequenos grupos que alienavam o povo apenas para ganhar as eleições municipais e manter o poder que oprimia os trabalhadores do município, mantendo-os numa condição de alienação, ignorância e dominação. Tendo em vista essas considerações dos trabalhadores, tornou-se cada vez mais justificável a implantação de rádios comunitárias que viessem a contribuir no fortalecimento da comunicação e da luta popular, no desenvolvimento da cultura e conscientização, considerados pelo movimento social como eixos centrais na transformação da realidade. Quanto à questão cultural, os trabalhadores afirmam a necessidade de, através das rádios, desenvolver sua cultura, seu modo de expressar e organizar a vida social, coletiva e comunitária. Acreditam, dessa forma que a cultura popular e a liberdade andam de mãos dadas.

Por isso, defendem as rádios comunitárias nas comunidades rurais como instrumentos que venham a contribuir na (re)construção dessa cultura, tendo em vista o acelerado processo de dominação cultural que acreditam viver. A existência das rádios apresenta a possibilidade de (re) construção cotidiana de formas de expressões culturais híbridas ou interculturais (CANCLINI, 2005) e, para os sem terra, reforça o caráter democrático, popular, alternativo da cultura e da comunicação no espaço conquistado pelo movimento social.

O fato é que as rádios fazem parte da vida dos assentados e de toda população que elas venha a abranger. E o lema dos radialistas do MST é: “Reforma Agrária no Ar”. Os projetos das rádios comunitárias visam sobretudo a democratização deste veículo de comunicação com a meta de se criar cotidianamente uma programação rica em qualidade, informação e cultura, levando a todos os ouvintes notícias, música e informações necessárias. Têm como ponto pacífico o desenvolvimento social; a elevação do nível de conhecimento entre as famílias acampadas ou assentadas; a

inserção social e a inclusão digital; o rompimento com concepções alienantes, que dão sentido pejorativo e desvalorizam o campo e as pessoas que nele vivem, recuperando assim a auto-estima dos próprios membros do movimento social.

Sendo assim, consideram como importante viabilizar o acesso à cultura e ao entretenimento, formação e capacitação da comunidade como seres pensantes: homens, mulheres e principalmente a juventude se engajam nessas atividades. Busca-se permanentemente, por meio de projetos e parcerias, desenvolver e democratizar a comunicação em um ambiente propício, equipado e assessorado com a aquisição de equipamentos, materiais e assessoria técnica capacitada. Os projetos tencionam a construção de novos espaços culturais, essenciais para o desenvolvimento da cidadania, por meio da produção cultural, de trabalhos pedagógicos, de pesquisas. Sem dúvida, poderiam ser qualificados como projetos folkcomunicacionais por excelência. As rádios são consideradas mais do que simples formas de comunicação, pois visam valorizar os acampados e assentados, compreendendo a transformação social, comunicacional e cultural como necessária para melhoria da qualidade de vida.

Num projeto que desenvolvemos em 2001, na Rádio Camponesa FM, nos assentamentos da região de Itapeva, sudoeste de São Paulo, tivemos a oportunidade de testemunhar e fomentar essas práticas culturais com a gravação de um CD ao vivo nos estúdios da rádio com os cantadores de música caipira da região. “Movimento no ar” foi o nome desse trabalho que foi reproduzido, distribuído e comercializado em milhares de cópias pelo MST, especialmente nos Encontros de Violeiros onde os cantadores costumam se apresentar.

Práticas discursivas em torno do audiovisual e do cinema documentário

Por fim, as práticas de produção audiovisual e discussão de cinema documentário são levadas à frente pelos sem terra que participam do Setor de Comunicação e os documentaristas e cineastas parceiros e convidados, desde estudantes de vários cursos como História, Cinema ou Jornalismo, até grandes realizados como Tetê Moraes e Eduardo Coutinho. A maioria das produções audiovisuais do MST pode ser adquirida em sua página na internet a um custo muito baixo, mas às vezes com uma qualidade técnica bastante precária.

O fato é que esses vídeos circulam nas atividades dos sem terra, com imagens baseadas sobretudo em narrativas de histórias de vida, na valorização das experiências dos sem terra, e no confronto dessas vivências com o discurso preconceituoso e desqualificador governamental e, principalmente, jornalístico. Alguns desses vídeos, especialmente os produzidos por realizadores profissionais, possuem uma linguagem audiovisual profissional e sofisticada. Outros, produzidos pelos membros do Setor de Comunicação, parecem ser mais precários quanto aos recursos e à linguagem audiovisual, mas guardam polifonias, contradições e ambigüidades que muitas vezes estão ocultas nas obras dos profissionais.

Os vídeos provocam, emocionam, chocam, questionam, mostram imagens alternativas ao universo midiático e estão presentes nas narrativas em momentos políticos, educativos e culturais importantes narrados pelos sem terra, compondo universos subjetivos e identitários complexos, diversos e difíceis de serem reduzidos a esquemas de análises de ação coletiva tradicionais da sociologia ou da ciência política. Ao contrário, nos aproximam dos questionamentos sobre a polifonia das narrativas, a multiplicidade das subjetividades, e a presença constante da defesa da transmissão da experiência humana como forma de vivenciar na memória e na identidade individual e coletiva os processos de resistência, na contramão do contexto de destruição da experiência do contexto histórico atual.

Práticas discursivas comunicacionais e culturais e as recriações cotidianas de memórias, identidades e subjetividades nos processos de resistência política

Boa parte da presença dessas práticas literárias, teatrais, radiofônicas e audiovisuais nas experiências desses sujeitos ocorre durante as chamadas místicas. Estas são os momentos que precedem, acompanham e encerram qualquer atividade organizada pelo MST, quando os sem terra escolhem um tema, narram fatos e notícias, selecionam e recitam textos literários e políticos, cantam músicas de artistas locais, nacionais ou do próprio movimento social, exibem imagens audiovisuais, fotográficas ou próximas de uma arte de inspiração muralista, e ainda interpretam pequenas peças de teatro em geral por eles inventadas.

A poesia e a literatura em geral, a música, as imagens, o teatro quase sempre remetem às experiências de exclusão, de marginalidade e de resistência dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais sem terra, antes e depois de ingressarem no MST. E a mística se torna o espaço de recriação e de transmissão dessas experiências, onde as práticas artísticas e culturais partem e retornam às narrativas das histórias de vida como forma de resistência e luta.

Por um lado, é a partir das histórias de vida contadas e compartilhadas no sentido benjaminiano, que muitas poesias, músicas, imagens e peças teatrais são criadas e vivenciadas nas místicas. Por outro lado, é a partir das presenças das místicas nas experiências cotidianas dos sem terra que as narrativas de história de vida acabam por buscar momentos emocionantes, marcantes, determinantes, explicadores e inspiradores das trajetórias pessoais e coletivas. Momentos históricos individuais e coletivos que conformam as memórias, aqui entendidas como processos que abrangem os atos de lembrar em permanente mudança, sempre referentes ao presente. E que, por sua vez, criam e recriam as subjetividades plurais e contraditórias que alimentam a identidade do movimento social, aqui compreendida como processos que abarcam um sentido de ligação e continuidade num tempo e num espaço e, sobretudo, de pertencimento a um grupo (BAUMAN, 2005; HALL, 2003, 2005). No caso dos sem terra, memórias, subjetividades e identidades se (re)constroem permanentemente em confronto e em diálogo com as formas de narratividade caracterizadas pela literatura, pelo teatro, pelo rádio e pelo audiovisual/cinema, que se servem da oralidade ao mesmo passo em que são matéria-prima do fazer artesanal dos narradores sem terra.

Finalmente, queremos destacar que esse trabalho de pesquisa nos proporcionou um aprofundamento sobre o debate quanto aos dilemas éticos do trabalho do pesquisador e a legitimidade científica do seu próprio trabalho, quando este se coloca em linha de compromisso bastante clara com os blocos de poder e de contra-poder existentes na sociedade. Nesse debate há, sem dúvida, o reconhecimento explícito de que a História e as Ciências Sociais, com seus vários campos de atuação, continuam sendo arena de disputas intelectuais, com dimensões e implicações simbólicas, culturais e políticas que em muito as ultrapassam. Nessa disputa, reconhece-se também a subjetividade e a parcialidade dessas áreas de conhecimento, dos pesquisadores e de suas produções intelectuais – assim como de qualquer outro intelectual –, que

incrementam a realidade social proporcionando novas referências sobre as quais os sujeitos históricos se apropriam, recriando-as em sua luta cotidiana por reconhecimento e poder (MORAES, 2004a e 2004b; SARLO, 2000).

Esses são alguns dos debates que atravessam os que pesquisam a partir das perspectivas teóricas e metodológicas como a da folkcomunicação, bem como outros grandes temas da teoria da História e das Ciências Sociais. Destacamos aqui o papel dos intelectuais na sociedade; as relações entre história, memória, esquecimento, identidades; os discursos da história como construção específica de cada época, legitimadores ou demolidores de certas hegemonias; a volta da narrativa nesses discursos dos intelectuais, assim como o papel e o lugar das narrativas de sujeitos históricos nas construções desses discursos; os debates sobre as práticas, as representações, as apropriações e as construções culturais dos sujeitos históricos, incluindo aí o próprio fazer incessante do pesquisador sobre os registros documentais que analisa e que produz. Enfim, todo um debate que ainda não se esgotou e que se relaciona diretamente com a chamada crise dos paradigmas universalistas e teleológicos e com o contexto da modernidade tardia ou da pós-modernidade, com os impactos da globalização e da modernização de forma diferenciada e desigual nos países do mundo.

Assim, o olhar da folkcomunicação é empregado nesta pesquisa como mais do que uma simples perspectiva teórica ou metodologia, uma atuação nos marcos de uma nova especialidade, posto que a adotamos com a preocupação em reafirmar o poder que os pesquisadores ainda têm de gerar novas representações da nossa trajetória histórica e, com elas, compor na trama da cultura e da política, novas mediações e novas hegemonias que considerem a polifonia dos grupos sociais excluídos e marginalizados. Os temas e os sujeitos históricos que destacamos neste estudo buscam recompor de fato uma renovada esfera pública, onde o mercado global não seja definitivamente o único espaço existente para regular as relações sociais e as formações identitárias, consagrando a fragmentação e a dissolução das solidariedades e das identidades plurais, ao nivelar a todos como consumidores ou não.

Os sujeitos do MST criam e recriam as formas e os meios de comunicação e de expressão cultural do movimento social, e também se apropriam dos que lhes são franqueados, constituindo uma rede de comunicação e de cultura ampla e alternativa, historicamente inspirada pelas ações das mídias alternativas que existiram e ainda

existem em nossa história contemporânea e do tempo presente. Dessa forma, numa perspectiva interdisciplinar, multimidiática e folkcomunicacional, mulheres e homens organizados no MST trazem à tona novas percepções, novos conceitos, novas histórias, novas questões que eclodem na vida de sujeitos que antes estavam à margem da sociedade. Para os trabalhadores rurais, todo esse universo inédito, rico e conflituoso traz consigo a novidade da consciência de si mesmo e do mundo e cria condições extraordinárias para se libertarem de várias formas de opressão que perpassam as relações sócio-econômicas, políticas e culturais nas quais estão inseridos.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História. Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso”. In: *Estética da Criação Verbal*. 2ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp. 279-326.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.
- BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.
- _____. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Paulo: Ed. Metodista, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia. De Gutemberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3a ed., São Paulo: EDUSP, 2000.
- _____. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. *A sociedade em rede. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1)*, 7ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

_____. *O poder da identidade*. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2), 3ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

CHAVES, Christine Alencar. *A marcha nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *A ordem do discurso*. 11ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. (L. SOVIK, org.) Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed., Porto Alegre: DP&A, 2005.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na Era da Informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

MARQUES DE MELO, José. *História do Pensamento Comunicacional*. São Paulo: Paulus, 2003.

MORAES, Dênis de (org.). *Combates e utopias. Os intelectuais num mundo em crise*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2004a.

_____. *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. 2ª ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2004b.

O'SULLIVAN, Tim et al. *Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura*. Piracicaba: Ed. Unimep, 2001.

SANTOS, Andrea Paula dos. *Ponto de Vida. Cidadania de mulheres faveladas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

_____; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Vozes da Marcha pela Terra*. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-Moderna. Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

